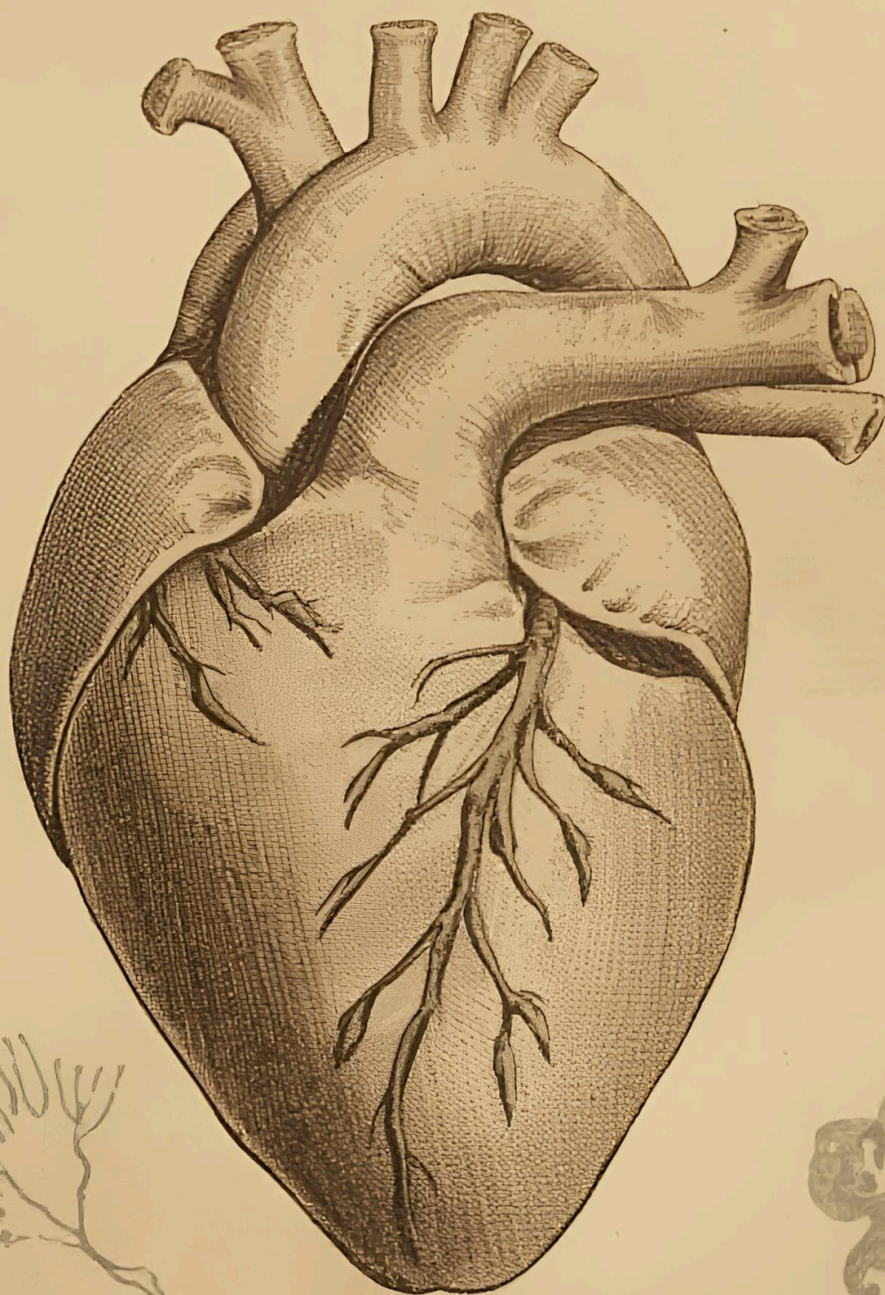


# Medicina

O Estudo e a Preservação da Vida



Fiat Lux Publishing

Frederico Barbosa (Org.)

# **MEDICINA: O ESTUDO E A PRESERVAÇÃO DA VIDA**

**Fiat Lux Publishing**

Goiânia, GO  
2026

# SUMÁRIO

---

<b>Capítulo 01 . O CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO DE MÁS NOTÍCIAS NO AMBIENTE HOSPITALAR: A IMPORTÂNCIA DO SUPORTE PSICOLÓGICO AOS PACIENTES .....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo 02 . PARALISIA CEREBRAL DIPARÉTICA ESPÁSTICA: RELATO DE CASO COM ABORDAGEM TERAPÊUTICA COMBINADA .....</b>	<b>16</b>
<b>Capítulo 03 . A IMPORTÂNCIA DA REALIZAÇÃO PERIÓDICA DE PAPANICOLAU (COLPOCITOLOGIA ONCÓTICA) COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO E DETECÇÃO PRECOCE DO CÂNCER DE COLO DE ÚTERO</b>	<b>19</b>
<b>Capítulo 04 . Conscientização e Prevenção do Câncer de Colo de Útero: Uma Iniciativa na Atenção Primária à Saúde .....</b>	<b>28</b>
<b>Capítulo 05 . A RELAÇÃO ENTRE O MICROBIOMA GASTROINTESTINAL E OS SINTOMAS EM PACIENTES DEPRESSIVOS ..</b>	<b>34</b>
<b>Capítulo 06 . A INTERFERÊNCIA NO MICROBIOMA GASTROINTESTINAL EM CRIANÇAS PELO USO INDEVIDO DE ANTIBACTERIANOS .....</b>	<b>37</b>
<b>Capítulo 07 . A URGÊNCIA DE UMA ABORDAGEM HUMANIZADA NO ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR A PACIENTES PSIQUIÁTRICOS .....</b>	<b>40</b>
<b>Capítulo 08 . AÇÃO EDUCATIVA E COLETA DE TESTES RÁPIDOS DE IST's COM JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE NO CENTRO DE SOCIOEDUCAÇÃO EM CURITIBA .....</b>	<b>44</b>
<b>Capítulo 09 . DOENÇA DE KAWASAKI COM EVOLUÇÃO PARA ANEURISMA DE AORTA: RELATO DE CASO .....</b>	<b>48</b>

© 2026 Fiat Lux Publishing

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, transmitida ou armazenada sob qualquer forma sem autorização prévia da editora.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Barbosa, Frederico.

Medicina: O Estudo e a Preservação da Vida / Frederico Barbosa (Org.). -- Goiânia, GO : Fiat Lux Publishing, 2026. 52 p.

ISBN: 978-65-5898-041-4

DOI: 10.66956/978-65-5898-041-4

Assuntos: Clínica Médica, Diagnóstico, Tratamento. I. Barbosa, Frederico. II. Título.

**CDD 610 - Medicina e Saúde: Geral, estudo e ensino**

O CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO DE  
MÁS NOTÍCIAS NO AMBIENTE  
HOSPITALAR: A IMPORTÂNCIA DO  
SUPORTE PSICOLÓGICO AOS  
PACIENTES

Sarahanes Rodrigues de Sousa Oliveira  
Josué Alves Moreira

## RESUMO

O presente artigo aborda a comunicação de más notícias no ambiente hospitalar, destacando a importância do suporte psicológico aos pacientes nesse processo. O estudo tem como objetivo analisar o papel do suporte psicológico na comunicação de más notícias, considerando seus impactos emocionais sobre os pacientes e as dificuldades enfrentadas pela equipe multiprofissional. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, fundamentada em revisão bibliográfica de artigos científicos, livros e documentos oficiais que abordam a psicologia hospitalar, a comunicação e a humanização do cuidado. Os resultados evidenciam que a comunicação empática e o suporte psicológico contribuem para o acolhimento e a ressignificação da experiência de adoecimento, reduzindo o sofrimento emocional e fortalecendo o vínculo entre paciente e equipe. Conclui-se que o suporte psicológico é indispensável para a promoção de uma comunicação ética, sensível e humanizada no contexto hospitalar.

**Palavras-Chave:** Comunicação de Más Notícias; Psicologia Hospitalar; Suporte Psicológico; Humanização; Cuidado em Saúde.

## 1 INTRODUÇÃO

A comunicação de más notícias no ambiente hospitalar representa um dos maiores desafios na prática em saúde, exigindo preparo técnico, empatia e equilíbrio emocional dos profissionais envolvidos. Esse processo ocorre quando o paciente ou seus familiares recebem informações que alteram negativamente suas perspectivas de vida, como o diagnóstico de uma doença grave, o agravamento de um quadro clínico ou a confirmação da impossibilidade de cura. A maneira como essa comunicação é conduzida influencia diretamente a forma como o paciente compreende e enfrenta sua condição, afetando sua adesão ao tratamento e seu bem-estar emocional. Assim, compreender o contexto dessa comunicação é fundamental para oferecer um cuidado ético, sensível e centrado no paciente.

O problema que orienta esta pesquisa consiste em compreender de que forma o suporte psicológico pode contribuir para aprimorar a comunicação de más notícias no ambiente hospitalar, considerando os aspectos emocionais que envolvem tanto os pacientes quanto os profissionais de saúde. Dessa forma, o estudo tem como objetivo geral analisar o papel e a relevância do suporte psicológico nesse processo. Para isso, a fundamentação teórica foi estruturada em quatro eixos principais: a comunicação de más notícias no ambiente hospitalar, os impactos emocionais causados aos pacientes, a importância do suporte psicológico nesse contexto e as dificuldades enfrentadas pelos profissionais de saúde ao transmitir informações difíceis.

A justificativa para o desenvolvimento deste trabalho fundamenta-se na importância de discutir o cuidado emocional dentro dos hospitais, especialmente em situações marcadas por dor e sofrimento. O tema é relevante para a psicologia e para outras áreas da saúde, pois evidencia a necessidade de integrar o suporte emocional ao tratamento médico, promovendo uma prática mais sensível às experiências humanas. Em um contexto em que a morte e o adoecimento ainda são tratados como tabus, o psicólogo hospitalar exerce papel fundamental ao auxiliar o paciente na elaboração emocional da notícia e ao mediar as relações entre paciente, familiares e equipe multiprofissional.

O presente artigo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, fundamentada em revisão bibliográfica. Segundo Minayo (2012), a pesquisa qualitativa permite compreender os significados, valores e percepções atribuídos pelos indivíduos aos fenômenos estudados, sendo especialmente adequada para investigar aspectos subjetivos e emocionais presentes nas relações humanas. Dessa forma, a abordagem foi escolhida por permitir a análise aprofundada da comunicação de más notícias e do papel do suporte psicológico no ambiente hospitalar.

A pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o tema, tornando-o mais compreensível e delineando novos enfoques para estudos futuros (Gil, 2019). Já o caráter descritivo busca identificar, analisar e interpretar as principais contribuições teóricas relacionadas à atuação do psicólogo na comunicação de más notícias, seus impactos emocionais e os desafios enfrentados pela equipe multiprofissional no contexto hospitalar.

O procedimento metodológico adotado foi a revisão bibliográfica, realizada a partir da análise de artigos científicos, livros e documentos oficiais. As bases de dados consultadas incluíram a SciELO (Scientific Electronic Library Online), PePSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia) e o Google Acadêmico, priorizando publicações em língua portuguesa que abordam a comunicação de más notícias, a psicologia hospitalar e a humanização do cuidado.

A análise das informações foi conduzida de acordo com o método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2011), que compreende as etapas de pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados. Esse método possibilitou identificar as principais ideias, padrões e sentidos atribuídos ao processo comunicacional e à atuação do psicólogo na promoção de um cuidado humanizado.

## 2 A COMUNICAÇÃO DE MÁS NOTÍCIAS NO AMBIENTE HOSPITALAR

O ambiente hospitalar é o local onde ocorre uma variedade de relações sociais, por essa razão a comunicação deve objetiva, clara e segura. De acordo com Coelho *et al.* (2023, apud Francisco; Araújo, 2024), no ambiente hospitalar, a comunicação constitui um recurso essencial que possibilita aos profissionais de saúde apresentarem de forma compreensível o quadro clínico de pacientes e familiares. Importa ressaltar que a comunicação de más notícias, vai além de informação sobre o falecimento ou diagnósticos, pois abrange situações como prognósticos desfavoráveis, alterações nos planos terapêuticos e limitações no tratamento. Tais circunstâncias são recorrentes no cotidiano hospitalar e exigem preparo técnico e sensibilidade emocional por parte da equipe.

A comunicação de más notícias ganhou destaque a partir da década de 1990, quando o médico britânico Robert Buckman chamou a atenção para a necessidade de compreender melhor como transmitir informações delicadas aos pacientes, essa prática deve ser realizada de forma que favoreça o envolvimento e o apoio do indivíduo durante o tratamento. O autor descreve a má notícia como qualquer informação que provoque uma alteração desfavorável na vida da pessoa ou em suas expectativas sobre o futuro (Buckman, 1992 *apud* Nascimento, Borges 2025).

De acordo com o Instituto Nacional de Câncer (INCA, 2010), uma má notícia é qualquer informação que faz a pessoa perceber uma realidade difícil, independente do que ela ou o profissional desejam. Em geral, esse tipo de comunicação muda de forma significativa a maneira como o paciente enxerga o próprio futuro. Normalmente, está relacionada a situações de morte, doenças graves ou perdas físicas e mentais. Assim, dar uma má notícia pode envolver informar um diagnóstico preocupante, indicar um tratamento difícil, apresentar resultados de exames inesperados ou comunicar um prognóstico negativo.

Souza *et al.* (2025), em um estudo realizado com profissionais de um hospital de emergência, identificaram que a comunicação de más notícias é permeada por aspectos emocionais, relacionais e éticos. Os autores destacam que, além da falta de preparo técnico, os profissionais enfrentam dificuldades em lidar com as próprias emoções e com as reações de sofrimento do outro, podendo gerar desconforto, ansiedade e sensação de impotência. Para os autores, comunicar más notícias é também um ato de cuidado, que demanda empatia, escuta e vínculo entre profissional e paciente.

Segundo Vogel *et al.* (2019), comunicar más notícias é também um processo de empatia e solidariedade, que exige reconhecer o sofrimento do outro e respeitar seu tempo de assimilação. Essa perspectiva é fundamental no contexto hospitalar, onde o paciente se encontra vulnerável e dependente do acolhimento da equipe. Assim, a comunicação deve ser vista como parte integrante do cuidado integral à saúde, e não como um momento isolado do atendimento médico.

É importante que a equipe multiprofissional hospitalar dedique atenção a história clínica e social dos pacientes, pois, isso pode favorecer o ambiente para o momento da comunicação, e adotar uma linguagem clara e compreensível. Além disso, deve-se avaliar com cuidado e atenção a disponibilidade do paciente para receber informações sobre sua condição, sempre focando no acolhimento e validação funcional das suas emoções. Vale ressaltar que é necessário refletir sobre os sentimentos e limites emocionais do profissional envolvido nesse contexto. Essas ações tornam o momento de comunicar más notícias mais humano, ético e menos traumático, tanto para o paciente quanto para quem transmite a informação (Vitorino *et al.*, 2007 *apud* Leite, Faria, Leão, 2024).

De acordo com Coelho *et al.* (2023, *apud* Francisco; Araújo, 2024), alguns elementos são fundamentais para que a comunicação de más notícias aconteça de maneira ética e humanizada. Entre esses aspectos, destacam-se a identificação dos participantes envolvidos, a definição clara do objetivo da conversa, a organização e coerência das informações transmitidas, bem como o uso de uma linguagem acessível e livre de termos técnicos excessivos. Além disso, é essencial que o profissional demonstre

empatia, valide as emoções e sentimentos do paciente e de seus familiares, e mantenha uma postura comunicativa ativa, atenta e progressiva, observando tanto a comunicação verbal quanto a não verbal.

Monteiro e Quintana (2016 *apud* Nascimento, Borges, 2025) evidenciam a relevância para que os profissionais de saúde estejam devidamente capacitados para tomar decisões e selecionar as informações que serão compartilhadas com os pacientes, fundamentando sua prática clínica em princípios éticos e na humanização do cuidado. Nesse contexto, diversos programas de capacitação têm sido implementados com o objetivo de aprimorar as habilidades comunicacionais, promovendo maior clareza, empatia e assertividade na transmissão de más notícias por parte dos médicos e demais membros da equipe multiprofissional.

Por fim, Souza *et al.* (2025), destaca que a comunicação de más notícias deve ser compreendida como uma prática interdisciplinar, que envolve não apenas médicos, mas também enfermeiros, psicólogos e outros profissionais da equipe hospitalar. O psicólogo, em especial, desempenha papel relevante ao auxiliar o paciente e seus familiares na elaboração emocional da notícia, contribuindo para que o processo seja menos doloroso e mais humanizado. Dessa forma, promover uma comunicação ética, empática e acolhedora é essencial para garantir um cuidado hospitalar verdadeiramente humanizado e integral.

### 3 IMPACTOS EMOCIONAIS DA COMUNICAÇÃO DE MÁS NOTÍCIAS SOBRE OS PACIENTES

Segundo Diniz *et al.* (2018) receber uma má notícia no contexto hospitalar representa um momento de grande vulnerabilidade emocional para o paciente, pois envolve o confronto com mudanças significativas em sua saúde e em sua expectativa de futuro. A forma como a notícia é comunicada exerce forte influência sobre a maneira como o indivíduo irá lidar com a situação e sobre sua capacidade de enfrentamento. Uma comunicação feita de forma inadequada, sem empatia, pela linguagem técnica excessiva ou pela ausência de acolhimento pode gerar sentimentos de choque, medo, negação, tristeza e desesperança, intensificando o sofrimento psicológico.

Conforme Vogel *et al.* (2019) Comunicar más notícias a um paciente envolve desde a revelação de um diagnóstico de doença terminal até condições que afetem significativamente sua qualidade de vida. No contexto das doenças terminais, a maneira como essa informação é transmitida pode influenciar profundamente tanto a forma como o paciente compreendem sua condição clínica quanto a qualidade do vínculo estabelecido com o médico ao longo do tempo. Dessa forma, situações em que más notícias são discutidas tendem a ser emocionalmente difíceis para todos os envolvidos.

A forma como a informação é transmitida ao paciente e seus familiares têm um peso maior do que a própria mensagem em si. A maneira e a sensibilidade com que a notícia é comunicada influenciam profundamente as memórias que essas pessoas carregarão pelo resto de suas vidas (Vogel *et al*, 2019).

Cada indivíduo reage de forma única ao receber uma má notícia, especialmente quando envolve questões como doenças, finitude da vida, luto ou mudanças inesperadas de planos. Essas reações estão diretamente ligadas aos mecanismos de enfrentamento pessoais e familiares. A transmissão de uma má notícia pode gerar intenso sofrimento tanto para o paciente quanto para seus familiares, despertando uma variedade de emoções, como medo, tristeza, culpa e raiva (Sollero, Campos, Braga, 2019).

Assim que a informação é recebida, o indivíduo pode apresentar dificuldade em compreender ou aceitar a realidade, pois o cérebro, em um movimento de autoproteção, tende a acionar mecanismos de negação, tornando o fato comunicado difícil de assimilar. Em muitos casos, a percepção do tempo parece se alterar, como se tudo ao redor perdesse clareza e significado. Esse momento de suspensão emocional é decisivo, pois representa o instante em que os familiares e o paciente começam a reconhecer a gravidade da situação, tentando reorganizar seus sentimentos e compreender o que está acontecendo em meio ao impacto da notícia (De Souza, Oliveira, 2021 *apud* Santos *et al*, 2024).

#### 4 A IMPORTÂNCIA DO SUPORTE PSICOLÓGICO NA COMUNICAÇÃO DE MÁS NOTÍCIAS

No contexto hospitalar a presença de profissionais responsáveis pelo cuidado em saúde mental é salutar, pois esse ambiente pode ser de certo modo nocivo para algumas pessoas. Dentre esses profissionais, destaca-se o psicólogo cujo principal objetivo hospitalar é acolher e compreender o sofrimento emocional causado pela internação. Outros benefícios que surgem do acompanhamento psicológico são considerados consequências naturais desse processo de cuidado. A atuação do psicólogo no hospital é diferente da psicoterapia tradicional, pois envolve lidar não apenas com a dor provocada pela doença, mas também com os impactos emocionais que o ambiente hospitalar gera no paciente (Barros; Faria 2022 *apud* Angerami-Camon; Trucharte; Knijnik 2000).

O suporte psicológico surge como um elemento essencial, pois contribui para a promoção de um ambiente acolhedor, ético e empático, capaz de atender não apenas às necessidades biológicas, mas também às demandas emocionais e existenciais dos pacientes. Segundo Batista *et al*. (2021), a atuação do psicólogo hospitalar é indispensável para favorecer a escuta, a expressão de sentimentos e a

elaboração do sofrimento decorrente da hospitalização, aspectos que são centrais para a efetiva humanização do cuidado.

Oliveira, Santos e Mastropietro (2010) destacam que o psicólogo hospitalar tem o papel de ajudar o paciente a ressignificar a experiência da doença, buscando promover um sentido de continuidade e dignidade mesmo em meio ao sofrimento. Assim, o atendimento psicológico no hospital não se restringe à intervenção em crises, mas se estende à escuta qualificada e à criação de um espaço de acolhimento.

A humanização, segundo o Ministério da Saúde (2021), é entendida como um conjunto de práticas que visam promover o respeito, o diálogo e a valorização da dimensão humana no cuidado em saúde. O psicólogo, inserido nesse contexto, contribui de forma decisiva para fortalecer o vínculo entre equipe e paciente, favorecendo a comunicação e reduzindo a sensação de desamparo. Essa atuação amplia a compreensão do cuidado como um processo integral, que reconhece o paciente como sujeito de direitos, com história, emoções e crenças que influenciam diretamente sua recuperação.

Segundo Leite, Faria, Leão (2024) A interação no ambiente hospitalar entre o médico e o psicólogo na comunicação de más notícias é essencial para garantir um processo mais assertivo, humano e acolhedor. Esse compromisso permite que o médico conduza a comunicação de forma ética e empática, enquanto o psicólogo oferece suporte emocional imediato ao paciente e à família. O acompanhamento psicológico após os pacientes receberem alguma notícia que tenha gerado qualquer sofrimento contribui de maneira significativa para a adesão ao tratamento, para a aceitação da nova realidade e para o fortalecimento do vínculo entre todos os envolvidos.

Cardoso *et al.* (2013) afirmam que o psicólogo hospitalar tem a função de acolher as demandas emocionais dos profissionais de saúde, que frequentemente lidam com o estresse, a sobrecarga e o contato constante com o sofrimento. Dessa forma, o suporte psicológico contribui para prevenir o esgotamento emocional e aprimorar as relações interpessoais dentro do hospital, refletindo positivamente na qualidade da assistência prestada.

De acordo com Ugioni (2020 *apud* Batista *et al.*, 2021), o acompanhamento psicológico desempenha um papel fundamental na melhoria do bem-estar do paciente, abordando com ética as questões espirituais que ele possa trazer, incentiva a busca por autonomia diante do fim da vida de maneira digna e, sempre que viável procura atender aos seus desejos finais.

## 5 DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE NA TRANSMISSÃO DE MÁS NOTÍCIAS

Desde a década de 1980, foram elaborados protocolos com caráter prático e didático para treinar os profissionais na comunicação de más notícias, sendo os mais mencionados na literatura o SPIKES, o CLASS e o PACIENTE. Ainda assim, esse assunto continua sendo considerado complexo e causador de sofrimento, estresse e ansiedade entre os médicos, e na formação médica a comunicação de más notícias ainda é insatisfatória (Souza *et al.*, 2023).

Estudos indicam que comunicar uma má notícia não se resume ao domínio de técnicas, mas envolve acolhimento, empatia e a construção de um vínculo interpessoal. Muitos médicos não se sentem preparados para realizar essa tarefa, seja por medo de não transmitir a informação de maneira adequada, por dificuldade em lidar com suas próprias emoções, ou por se sentirem culpados por provocar sofrimento e enfrentar o desconforto do paciente. Uma pesquisa revela que 51% dos profissionais afirmam ser emocionalmente impactados ao comunicar uma má notícia (Souza *et al.*, 2023).

Muitos profissionais de saúde ainda enfrentam grandes dificuldades na comunicação de más notícias. Frequentemente, eles não se sentem preparados para lidar com as emoções humanas. A resistência em abordar temas como a morte e a finitude da vida representa um obstáculo significativo para o estabelecimento de uma comunicação aberta, honesta e fluida entre profissionais, pacientes e familiares. Muitas vezes, a própria equipe de saúde não está emocionalmente preparada para enfrentar questões que revelam a vulnerabilidade humana (Campos, 2020 *apud* Barros *et al.*, 2020).

Freiberger, Carvalho e Bonamigo (2020) observaram que muitos estudantes de medicina relatam insegurança e falta de habilidade para comunicar más notícias, justamente por não receberem treinamento adequado durante a graduação. A ausência de preparo pode gerar ansiedade e desconforto diante dessas situações, levando o futuro profissional a adotar estratégias de evitação, como omitir informações ou terceirizar a comunicação para colegas mais experientes. Essa lacuna formativa reforça a necessidade de inserir o desenvolvimento de habilidades comunicacionais como parte essencial do currículo das áreas da saúde.

Como a formação de grande parte dos profissionais da saúde ainda é voltada principalmente para a promoção, a reabilitação e a preservação da vida, a comunicação de más notícias muitas vezes é interpretada como um fracasso do tratamento ou como uma limitação da própria competência

profissional. Essa percepção faz com que o ato de comunicar uma má notícia se torne um momento de tensão e desconforto. Observa-se que esse processo não afeta apenas o paciente que recebe a informação, mas também o profissional que a transmite, que podem vivenciar sentimento de impotência, medo ou culpa (Ferraz, 2022).

Diante desse cenário torna-se evidente que uma das principais dificuldades enfrentadas pelos profissionais de saúde ao transmitir uma má notícia está no impacto emocional que essa informação pode provocar. Assim, além de dominar a técnica comunicacional, é essencial que o profissional esteja preparado para lidar com diferentes reações emocionais, pois acaba tornando essa tarefa ainda mais desafiadora (Barros *et al.*, 2020).

Mesmo com tantos recursos terapêuticos e tecnológicos disponíveis na atualidade, ainda é perceptível a fragilidade no que diz respeito à comunicação de más notícias. Quando a medicina já não atende as possibilidades de intervenção, alguns profissionais se manifestam dificuldade em conduzir esse momento delicado, eles acabam transmitindo a informação de maneira inadequada, enquanto outros recorrem a previsões irreais na tentativa de amenizar o impacto. O médico que tenta comunicar a realidade sem possuir treinamento específico enfrenta grandes dificuldades para manejar as reações emocionais intensas que podem surgir, tanto por parte do paciente quanto de seus familiares (Lech, Destefani, Bonamigo, 2023).

A formação dos profissionais que atuam no contexto hospitalar especialmente dos médicos, deve incluir a reflexão e o desenvolvimento das habilidades comunicativas, para tanto, é necessário trabalhar a competência de falar e ouvir atentamente. Em situações que exigem maior sensibilidade, como a comunicação de um diagnóstico grave, é fundamental que o profissional vá além da simples transmissão da informação e demonstre escuta genuína. Quando o paciente percebe que está sendo ouvido, sente-se acolhido em sua vulnerabilidade e reconhecido em sua totalidade (Castro, 2024).

## 6 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos dados obtidos por meio da revisão bibliográfica permitiu compreender que a comunicação de más notícias no ambiente hospitalar é um processo complexo, permeado por aspectos éticos, emocionais e relacionais que exigem preparo e sensibilidade por parte da equipe de saúde. De acordo com Buckman (1992), a forma como a má notícia é comunicada influencia diretamente o modo como o paciente compreende e enfrenta sua condição. A comunicação inadequada pode causar sofrimento psicológico, insegurança e desesperança, enquanto uma

abordagem empática e acolhedora favorece a compreensão e o enfrentamento da situação vivenciada (Inca, 2010).

Conforme os estudos analisados, muitos profissionais de saúde ainda apresentam dificuldades em lidar com as dimensões emocionais envolvidas nesse tipo de comunicação, principalmente por medo de causar dor, pela falta de preparo para lidar com reações emocionais intensas ou pela ausência de treinamento em habilidades comunicacionais. Segundo INCA (2010), essas falhas podem gerar comunicações distantes e insensíveis, aumentando o sofrimento do paciente e de seus familiares.

A análise também evidencia que o suporte psicológico exerce papel fundamental nesse contexto, pois oferece acolhimento, escuta e apoio emocional tanto aos pacientes quanto à equipe multiprofissional. O psicólogo hospitalar atua como mediador entre o conteúdo técnico das informações médicas e o universo emocional dos envolvidos, auxiliando na compreensão das notícias e na elaboração de sentimentos como medo, angústia e negação. Para Batista *et al.* (2021), a presença do psicólogo contribui significativamente para o fortalecimento do vínculo entre paciente e equipe.

Além disso, observou-se que o suporte psicológico também beneficia os profissionais de saúde. Segundo Oliveira, Santos e Mastropietro (2010) o psicólogo hospitalar pode acolher as demandas emocionais dos membros da equipe, que frequentemente enfrentam estresse, sobrecarga e contato constante com o sofrimento humano. Esse apoio contribui para prevenir o esgotamento emocional, melhorar as relações interpessoais e refletir positivamente na qualidade da assistência prestada.

A importância do trabalho em equipe no ambiente hospitalar, especialmente diante das diversas demandas inesperadas que surgem no cotidiano das instituições de saúde. A integração entre diferentes saberes é essencial para oferecer um cuidado integral e humanizado aos pacientes e familiares. Nesse sentido, Diniz *et al.* (2018) reforçam que a comunicação de más notícias é um processo que envolve não apenas a transmissão de informações, mas também a interação entre os aspectos técnicos e humanos do cuidado. Assim, a Psicologia assume papel de destaque, uma vez que contribui para compreender as reações emocionais do paciente, auxiliando na preservação de sua dignidade e no fortalecimento da dinâmica familiar.

Por fim, a análise dos resultados confirma que a comunicação de más notícias deve ser compreendida como um processo relacional e humano, que ultrapassa a mera transmissão de informações clínicas. O suporte psicológico, portanto, configura-se como um instrumento indispensável para garantir que esse momento seja conduzido com empatia, ética e respeito à subjetividade do paciente, reafirmando o compromisso com a humanização do cuidado hospitalar (Oliveira; Santos; Mastropietro, 2010).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo evidenciou que a comunicação de más notícias no ambiente hospitalar constitui um dos maiores desafios enfrentados pelos profissionais de saúde, exigindo preparo técnico, empatia e sensibilidade emocional. Constatou-se que a forma como essas informações são transmitidas influencia diretamente as reações dos pacientes, podendo gerar sofrimento, medo e desesperança quando realizada de maneira inadequada. Quando conduzida de forma empática e respeitosa, contribui para a compreensão e acolhimento.

O suporte psicológico exerce um papel fundamental nesse processo, ao favorecer o acolhimento, a escuta e a ressignificação da experiência de adoecimento, promovendo um cuidado mais ético e humanizado. O psicólogo hospitalar atua como mediador no vínculo paciente, família e a equipe multiprofissional, auxiliando na expressão das emoções e na elaboração do sofrimento decorrente da doença e do tratamento. Essa intervenção contribui para reduzir o impacto emocional das más notícias e fortalecer o vínculo entre paciente e equipe, tornando a assistência mais sensível e integral.

Observou-se também que muitos profissionais de saúde ainda enfrentam dificuldades emocionais e técnicas na comunicação de más notícias, o que evidencia a necessidade de ampliar a formação e o treinamento sobre habilidades comunicacionais e manejo das emoções. Nesse sentido, a presença do psicólogo e a integração do suporte psicológico às práticas hospitalares configuram-se como estratégias indispensáveis para a humanização do cuidado, promovendo uma atenção mais compassiva e centrada no paciente.

A formação dos profissionais de saúde deve contemplar, portanto, o desenvolvimento de competências emocionais e comunicacionais que favoreçam práticas mais empáticas e humanizadas. Além disso, é fundamental que as instituições hospitalares invistam em capacitação contínua e na inclusão do psicólogo como parte essencial da equipe multidisciplinar, assegurando um cuidado integral que considere tanto as necessidades físicas quanto as emocionais dos pacientes e familiares. Dessa forma, fortalece-se o compromisso com a humanização da saúde e a promoção de um ambiente hospitalar mais acolhedor e ético.

Por fim, conclui-se que humanizar a comunicação de más notícias é reconhecer o paciente como um sujeito de direitos, com sentimentos, crenças e valores que merecem ser respeitados. O suporte psicológico, portanto, deve ser compreendido não apenas como um complemento do cuidado, mas

como parte essencial da prática hospitalar, contribuindo para uma assistência ética, empática e comprometida com a dignidade humana.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Nathana Ferreira de. et al. Desafios para a implementação dos cuidados paliativos frente ao cuidado multiprofissional. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 7, n. 9, p. 1–11, nov./dez. 2024. DOI: 10.34119/bjhrv7n9-481.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS, Anielle Carneiro de; FARIA, Hila Martins Campos. Atuação do psicólogo na comunicação de más notícias em cuidados paliativos. *Cadernos de Psicologia*, Juiz de Fora, v. 4, n. 8, p. 247-266, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://revista.uniacademia.edu.br/index.php/cadernosdepsicologia/article/view/3414>. Acesso em: 3 nov. 2025.

BATISTA, A. C. P.; SILVA, R. M.; PEREIRA, L. F.; CAMPOS, M. A. A atuação do psicólogo em cuidados paliativos no contexto hospitalar. *Revista Multivix*, Vila Velha, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Diretrizes para a organização dos cuidados paliativos no Sistema Único de Saúde – SUS. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude>.

CARDOSO, D. H. et al. Cuidados paliativos na assistência hospitalar: a vivência de uma equipe multiprofissional. *Texto & Contexto – Enfermagem*, v. 22, n. 4, p. 1134-1141, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072013000400032>.

CASTRO, Isadora Rodrigues. et al. Abordagens médicas compassivas na comunicação de más notícias: estratégias e impactos. *Research, Society and Development*, v. 13, n. 3, e2413345184, 2024. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v13i3.45184>.

DINIZ, L. R. et al. Comunicação de más notícias: percepção de médicos e pacientes. *Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 146-151, 2018. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/01/1047940/146-151.pdf>.

FERRAZ, Maysa Araújo Gomes. et al. Comunicação de más notícias na perspectiva de médicos oncologistas e paliativistas. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 46, n. 2, p. e076, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v46.2-20210458>.

FREIBERGER, M. H.; CARVALHO, D.; BONAMIGO, E. L. Comunicação de más notícias a pacientes na perspectiva de estudantes de medicina. *Revista Bioética*, v. 28, n. 4, p. 719-725, 2020. Disponível em: [https://revistabioetica.cfm.org.br/revista\\_bioetica/article/view/1912](https://revistabioetica.cfm.org.br/revista_bioetica/article/view/1912).

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). A comunicação de más notícias. In: *Humanização da assistência hospitalar*. Rio de Janeiro: INCA, 2010. p. 149-155.

LEITE, Camila Inês Savicki de Castro; FARIA, Elis Cristina de; LEÃO, Talita Cristina. O papel do psicólogo na conscientização de equipe multidisciplinar na comunicação de más notícias. Catalão: Instituto Universitário UNA, 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Instituto Universitário UNA Catalão, 2024.

LECH, Simone Solange; DESTEFANI, Amanda dos Santos; BONAMIGO, Elcio Luiz. Percepção dos médicos sobre comunicação de más notícias ao paciente. *Unoesc & Ciência – ACBS, Joaçaba*, v. 4, n. 1, p. 69-78, jan./jun. 2013.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

NASCIMENTO, Anna Tharyne de Almeida; BORGES, Lilian Maria. Desafios e facilitadores da comunicação de más notícias na prática médica. *Psicologia e Saúde em Debate*, v. 11, n. 1, p. 971–991, abr. 2025. DOI: 10.22289/2446-922X.V11A1A56.

OLIVEIRA, É. A.; SANTOS, M. A.; MASTROPIETRO, A. P. Apoio psicológico na terminalidade: ensinamentos para a vida. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 15, n. 2, p. 235-244, 2010.

SANTOS, Isabella Peixoto dos. et al. Educação para a morte: o papel do profissional de saúde na comunicação de más notícias aos familiares de pacientes. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, n. 8, p. 3947–3961, 2024. DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n8p-3947-3961>.

SOUZA, G. A.; AREDES, J. S.; GIACOMIN, K. C.; FIRMO, J. O. A. A comunicação de más notícias em um hospital de emergência. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 30, n. 3, e02022023, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2025.v30n3/e02022023/pt>.

UGIONI, C. P. Cuidados paliativos e espiritualidade: a contribuição do psicólogo. In: BATISTA, A. C. P. et al. A atuação do psicólogo em cuidados paliativos. Vila Velha: Multivix, 2021.

VOGEL, K. P.; SILVA, J. H. G.; FERREIRA, L. C.; MACHADO, L. C. Comunicação de más notícias: ferramenta essencial na graduação médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 43, n. 1 supl. 1, p. 314-321, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1057630>.

PARALISIA CEREBRAL DIPARÉTICA  
ESPÁSTICA: RELATO DE CASO COM  
ABORDAGEM TERAPÊUTICA  
COMBINADA

Waldec Alexandre Barros de Carvalho  
Kleuven Eduarda Brito Costa

## INTRODUÇÃO

A Paralisia Cerebral (PC) é identificada como o distúrbio motor mais comum na infância. A forma diparética espástica, especificamente, afeta a marcha e a funcionalidade dos membros inferiores. O tratamento desta condição exige uma abordagem multidisciplinar e contínua, focada no controle da espasticidade, correção de deformidades e na busca pela máxima independência funcional. Este relato detalha o manejo de longo prazo de um paciente com PC diparética (GMFCS I).

## DESCRIÇÃO DO CASO

O paciente é um homem de 20 anos com diagnóstico de PC diparética espástica (GMFCS I). Seu histórico apresenta desenvolvimento motor tardio, tendo iniciado a marcha aos três anos de idade com um padrão caracterizado por rotação interna dos quadris e hiperextensão dos joelhos.

As intervenções realizadas ao longo dos anos incluíram:

- **Cirurgias Ortopédicas:** Osteotomia derrotativa de fêmur bilateral (2014) para alinhamento dos membros e cirurgia de Vulpius (2022) para alongamento tendíneo.
- **Manejo da Espasticidade:** Aplicações recentes de Toxina Botulínica tipo A (TBA) nos músculos reto femoral e gastrocnêmios.
- **Reabilitação:** Manutenção de programa ativo com Pilates e musculação.

Atualmente, o paciente é independente, concluiu o ensino médio e está em fase de preparação para ingressar na faculdade.

## DISCUSSÃO

O sucesso deste caso é atribuído à integração de diferentes frentes terapêuticas:

- **Biomecânica:** A osteotomia corrigiu a deformidade estrutural, favorecendo a função motora.
- **Neuroquímica:** A TBA promoveu a denervação química temporária, otimizando o padrão da marcha
- **Treinamento de Força:** A reabilitação contínua reforça evidências atuais de que o fortalecimento muscular é seguro e fundamental para a melhora da qualidade de vida e função motora, desmistificando a ideia de que o exercício agravaria a espasticidade.

## CONCLUSÃO

O relato evidencia que a combinação de intervenções cirúrgicas, bloqueios neuroquímicos e reabilitação consistente é essencial para otimizar resultados funcionais na PC diparética espástica. Um plano terapêutico estruturado permite que o paciente alcance independência e realize objetivos pessoais e profissionais.

**Palavras-chave:** paralisia cerebral; desenvolvimento motor; toxina botulínica tipo a; osteotomia do fêmur; reabilitação.

## A IMPORTÂNCIA DA REALIZAÇÃO PERIÓDICA DE PAPANICOLAU (COLPOCITOLOGIA ONCÓTICA) COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO E DETECÇÃO PRECOCE DO CÂNCER DE COLO DE ÚTERO

Lucas de Jesus Farias  
Débora Samara de Oliveira  
Anna Beatriz Gomes Claudino  
Noele Amorim Vilela  
Flávio Tontim dos Santos  
Rafaienne Queiroz de Moraes Souza  
Gabriel Jair Donin Kappes

## RESUMO

O câncer de colo do útero é uma neoplasia maligna previsível, com progressão lenta e bem conhecida, permitindo sua detecção precoce por meio de métodos de rastreamento, como o exame citopatológico de Papanicolau. No entanto, essa doença continua a ser um desafio de saúde pública, especialmente em países em desenvolvimento, que concentram mais de 80% dos casos e óbitos. No Brasil, o Instituto Nacional de Câncer (INCA) recomenda que mulheres de 25 a 64 anos, com vida sexual ativa, realizem o exame regularmente, com intervalos de três anos após dois exames normais anuais. Contudo, a discrepância entre o conhecimento e a prática de pacientes nos serviços de atenção primária, bem como o desconhecimento de profissionais da Estratégia Saúde da Família (ESF) sobre as orientações, compromete a efetividade do rastreamento. Estudo de Ferreira et al. (2022) revela que apenas 39,4% dos profissionais têm conhecimento adequado sobre o controle do câncer de colo do útero. A realização periódica do exame Papanicolau pode reduzir em até 70% a mortalidade por câncer de colo do útero, sendo crucial para o diagnóstico precoce e a prevenção de complicações associadas ao vírus HPV. Este relatório apresenta os resultados de uma pesquisa realizada em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) no Bairro Jardim Ouro Fino, Barra do Garças-MT através de um questionário composto por perguntas referentes ao tema abordado, com um total de 16 respostas obtidas pelas participantes, com o objetivo de analisar a frequência da realização do exame e o grau de entendimento das mulheres sobre a prevenção e detecção precoce do câncer de colo do útero, considerando fatores relacionados tanto às usuárias quanto aos profissionais de saúde envolvidos.

**Palavras-chave:** câncer de colo do útero; exame de Papanicolau; prevenção; rastreamento.

**Área Temática:** Saúde da mulher

## INTRODUÇÃO

O câncer de colo do útero é uma neoplasia maligna que pode ser previsível, por ter uma progressão lenta e ser bastante conhecida atualmente, o que permite sua identificação antecipada através de métodos de rastreio, como o exame citopatológico de papanicolau. Apesar da evidência comprovada deste exame, o câncer de colo uterino continua sendo uma questão de saúde pública, particularmente em nações em desenvolvimento, que abrigam mais de 80% dos casos e óbitos relacionados à enfermidade (Ferreira et al., 2022).

No Brasil, o Instituto Nacional de Câncer (INCA) sugere que o exame seja feito regularmente em mulheres de 25 a 64 anos que já iniciaram a atividade sexual, com um intervalo de três anos após dois exames normais anuais realizados. Embora essas orientações sejam válidas, as pesquisas indicam uma grande falha entre o conhecimento e a prática das pacientes dos serviços de atenção primária. Isso indica que, apesar da maioria das mulheres já terem ouvido falar do teste, poucas sabem exatamente a idade e a frequência recomendada (Mascarenhas et al., 2020).

Além disso, entre os profissionais da Estratégia Saúde da Família (ESF), é possível notar um percentual específico de desconhecimento sobre as orientações, o que prejudica a efetividade do monitoramento. Uma pesquisa mostrou que apenas 39,4% dos profissionais possuíam conhecimento adequado sobre o controle do câncer de colo do útero e menos da metade conseguiu identificar corretamente a idade e a frequência recomendada para o exame, demonstrando a relevância da apresentação deste tema nas instituições de saúde (Ferreira et al., 2022). Adjunto a isso, um estudo feito por Moraes et al., (2021), relatou a importância do exame papanicolau não só como um meio de prevenção, mas também como uma forma de detecção precoce do câncer de colo de útero.

Reforçando essa ideia, uma revisão realizada por Sá e Silva (2017) destacaram que a realização periódica do exame papanicolau pode reduzir em até 70% a mortalidade por câncer de colo do útero, desde que o rastreamento seja feito de forma contínua, com qualidade e adequado seguimento das pacientes com resultados alterados. Além disso, um estudo demonstrou que além da prevenção contra o câncer de colo uterino, o exame de papanicolau pode auxiliar também no diagnóstico do vírus do papiloma humano (HPV), o que demonstra ainda mais sua importância na saúde (Oliveira et al., 2022)

Diante desse contexto, este estudo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), localizada no Bairro Jardim Ouro Fino na cidade de Barra do Garças - MT,

com o objetivo de analisar a frequência da realização periódica do exame Papanicolau pelo público feminino, bem como o grau de entendimento do assunto pelo mesmo, como estratégia de prevenção e detecção precoce do câncer de colo do útero, considerando tanto os fatores relacionados às usuárias quanto aos profissionais envolvidos no processo de cuidado.

## METODOLOGIA

O presente artigo demonstrado na forma de um projeto de intervenção coletiva, foi realizado pelos acadêmicos do curso de Medicina do Centro Universitário do Vale do Araguaia, onde este estudo se baseia no fornecimento de informações e orientações ao público-alvo mulheres que variam de idade 15 aos 60 anos, de Barra do Garças. Sendo assim, para o desenvolvimento deste artigo, foram feitos levantamentos, pesquisas, análises de artigos referentes ao tema em questão "O conhecimento sobre o exame papanicolau e a prevenção do câncer do colo de útero", trazendo informações sobre consequências, complicações e limitações que o câncer trás para a vida das mulheres , e quais medidas devem ser tomadas.

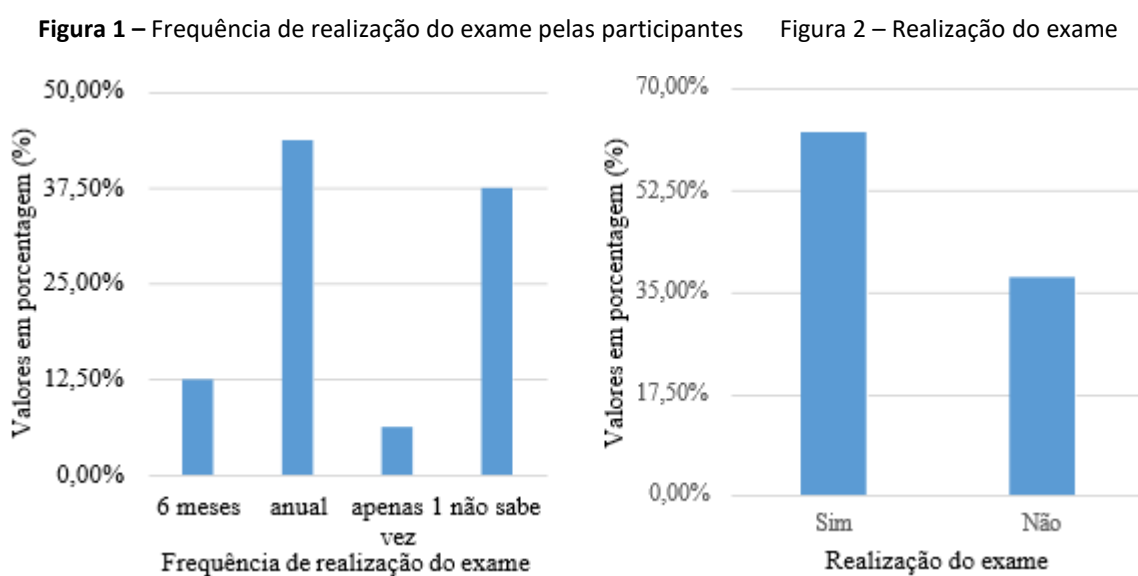
O projeto foi realizado no mês de abril de 2025, na cidade de Barra do Garças, MT, em Unidade Básica de Saúde Petronylha Ayres localizada no bairro Jardim Ouro Fino com o uso de um questionário respondido entre mulheres de 15 aos 60 anos. Durante esse período, foram ministradas palestras educativas voltadas para a promoção do conhecimento da importância do papanicolau, com ênfase especial na prevenção do câncer de colo de útero. As palestras abordaram os impactos negativos da não realização do exame, com o objetivo de incentivar as mulheres acerca dos riscos à saúde associados à falta de prevenção.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2025, o projeto de intervenção coletiva "A importância da realização periódica de papanicolau (colpocitologia oncótica) como estratégia de prevenção e detecção precoce do câncer de colo de útero", realizado pelos acadêmicos de Medicina do Centro Universitário do Vale do Araguaia evidenciou a importância da atenção primária em saúde na prevenção e proteção contra doenças, sendo que o conhecimento sobre a importância do exame papanicolau prevê a detecção precoce de lesões no colo uterino e a descoberta favorece um melhor prognóstico da doença. Sob essa óptica, ficou evidente que existe a disseminação do conhecimento sobre o exame nas unidades de saúde, mas não há incentivo a realização e nem flexibilidade de horários, pois o público alvo são mulheres jovens que possuem jornadas de trabalho que indispõem a realização do exame preventivo, os resultados da

frequência de realização do exame pelas participantes que o realizaram (Figura 1) demonstram que 10% (1 participante) realizou o exame apenas 1 vez, acompanhado de 20% (3 participantes) que relataram realizá-lo de 6 em 6 meses. Ainda nesse contexto, ainda há desconhecimento sobre a etiologia da doença por parte das pacientes, fortalecendo, assim, a importância da realização de orientações médicas sobre a prevenção da doença.

Nessa perspectiva, a figura 2 refere ainda que aproximadamente 55% (8 participantes) já realizaram o exame e que cerca de 36% (5 participantes) nunca realizaram. Dados do questionário aplicado na unidade de saúde referem que uma das queixas predominantes é a demora dos laudos dos exames de colpocitologia



Fonte: autoria própria, (2025)

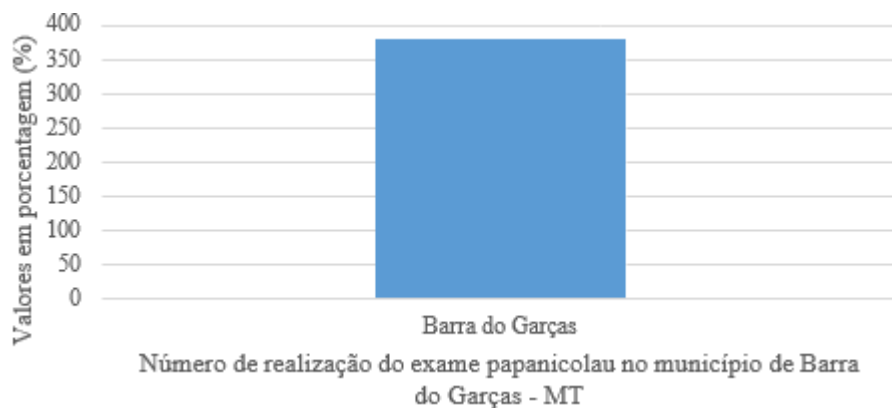
Fonte: autoria própria, (2025)

Conforme os dados coletados pelo Departamento de Informação e Informática do SUS (DATASUS) (Figura 3) a cidade de Barra do Garças realizou no ano de 2025, 379 exames ginecológicos até o mês de abril, no qual um único exame foi repetido devido alterações epiteliais registradas. Nesse contexto, observa-se que existe uma atenção primária mas que falha no que tange resultados e acompanhamento médico desses exames que existe uma necessidade de melhor rastreamento e verificação dos laudos para que a saúde seja de fato efetiva e eficaz.

Nesse sentido, de todos os exames realizados nos municípios do Estado de Mato Grosso feitos, (Figura 4) 295 mulheres já faziam e conheciam o objetivo do exame preventivo. Em contrapartida, outras

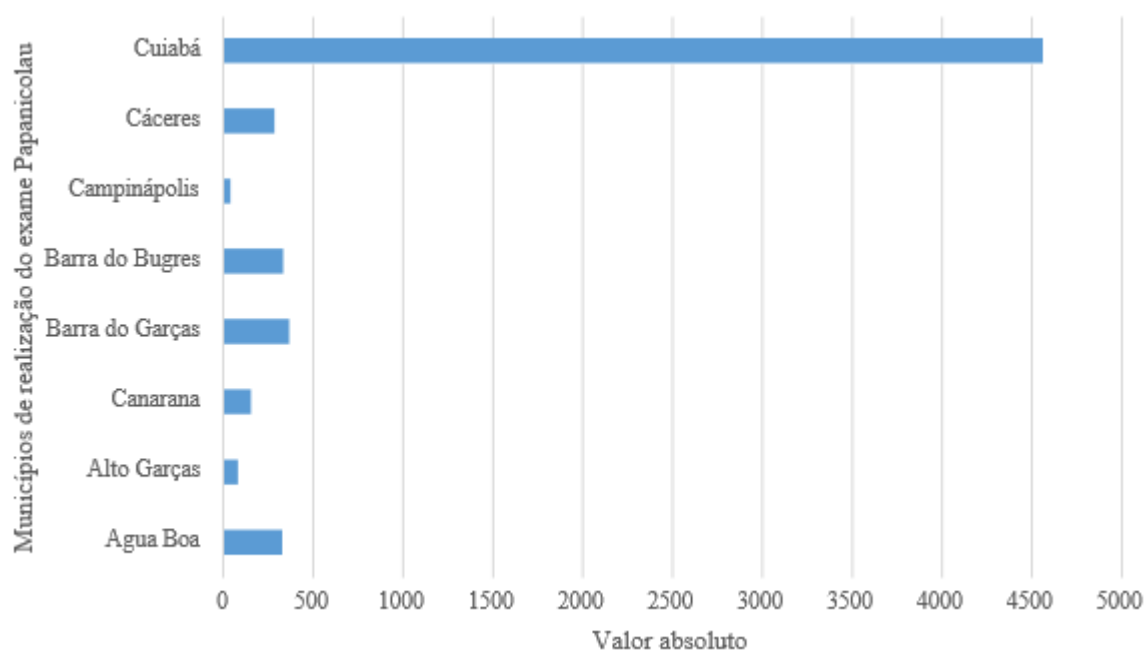
informações obtidas pelo DATASUS (Figura 5) demonstraram que 54 mulheres de Barra do Garças nunca realizam o exame preconizado pelo Ministério da Saúde.

**Figura 3** – Realização do exame papanicolau no município de Barra do Garças – MT.



Fonte: Departamento de Informação e Informática do SUS (DATASUS) (acesso em 02/05/2025 às 09:00:52)

**Figura 4** – Número de realização do exame papanicolau entre os municípios de Mato Grosso.



Fonte: Departamento de Informação e Informática do SUS (DATASUS) (acesso em 02/05/2025 às 09:02:52)

**Figura 5** – Número de mulheres que nunca realizaram o exame papanicolau.

Fonte: Departamento de Informação e Informática do SUS (DATASUS) (acesso em 02/05/2025 às 9:03:20)

Sob essa óptica, segundo as diretrizes do Ministério da Saúde, o rastreamento do câncer do colo do útero deve ser iniciado em mulheres de 25 a 64 anos que já tenham iniciado a atividade sexual. Essa faixa etária concentra a maior incidência de lesões pré-malignas de alto grau, que, se identificadas precocemente, podem ser tratadas com alta taxa de sucesso, evitando sua progressão para o câncer invasivo (Instituto Nacional de Câncer, 2023). Evidências recentes demonstram que a maioria das mulheres que realiza o exame preventivo encontra-se dentro dessa faixa etária recomendada. No entanto, é importante considerar que no Brasil há uma tendência de início precoce da vida sexual feminina, o que pode elevar o risco para o desenvolvimento de lesões cervicais, especialmente se houver infecção persistente pelo vírus do papiloma humano (HPV) (Agência Brasil, 2023). Embora algumas mulheres abaixo dos 25 anos sejam expostas ao risco, a triagem precoce nessa população pode levar a intervenções desnecessárias, visto que muitas infecções pelo HPV nessa faixa etária tendem a regredir espontaneamente. Por esse motivo, é essencial que as estratégias de rastreamento considerem, além da idade, fatores de risco individuais, visando otimizar a eficácia do programa e evitar abordagens excessivas.

Por isso, é imprescindível que a realização e o acompanhamento de mulheres que realizam é necessário. Previne o câncer de colo de útero, reduz a taxa de mortalidade, é fator de prevenção e também de sucesso quando ocorre o diagnóstico precoce.

## CONCLUSÃO

O projeto de intervenção coletiva desenvolvido pelos acadêmicos do curso de Medicina do Centro Universitário do Vale do Araguaia evidenciou a relevância das ações educativas e do fortalecimento da atenção primária na prevenção do câncer do colo do útero. Embora a maioria das mulheres participantes demonstre conhecimento básico sobre o exame Papanicolau, persistem barreiras como a falta de incentivo, inflexibilidade nos horários de atendimento e ausência de acompanhamento adequado dos resultados.

Segundo as diretrizes do Ministério da Saúde, o rastreamento deve ser iniciado em mulheres de 25 a 64 anos que já tenham iniciado a vida sexual, faixa etária que concentra maior incidência de lesões precursoras de câncer. No entanto, no Brasil, o início precoce da vida sexual feminina expõe também mulheres mais jovens a riscos, o que exige uma avaliação criteriosa dos fatores de risco individuais. Estratégias baseadas apenas na idade podem não contemplar toda a população vulnerável, enquanto abordagens excessivas em faixas etárias mais jovens podem gerar intervenções desnecessárias.

Além disso, os dados do questionário aplicado e dos registros do município de Barra do Garças revelam que muitas mulheres ainda não realizam o exame preventivo, apontando falhas na cobertura e efetividade das ações de saúde pública. A demora nos laudos e a falta de retorno médico reforçam a necessidade urgente de melhorias no sistema, como mostra o dado alarmante de que 54 mulheres na cidade nunca realizaram o exame ou o fazem de forma irregular.

Dessa forma, conclui-se que promover o acesso, adequar os horários de atendimento, garantir o acompanhamento dos resultados e ampliar a educação em saúde são medidas indispensáveis para a efetividade do rastreamento, contribuindo para a redução da mortalidade e para o diagnóstico precoce do câncer de colo uterino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, M.C.M. et al. Detecção precoce e prevenção do câncer do colo do útero: conhecimentos, atitudes e práticas de profissionais da ESF. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 6, p. 2291-2302, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Z3tXcyhpMP6MLCJzTCmq9bn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 abr. 2025

MASCARENHAS, M.S. et al. Conhecimentos e práticas de usuárias da atenção primária à saúde sobre o controle do câncer do colo do útero. *Revista Brasileira de Cancerologia*, Rio de Janeiro, v.66, n.3, e-011030, 2020. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/09/1120100/1030-texto-do-artigo-7729-3-10-20200708.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2025

MORAIS, I.S.M. et al. A importância do exame preventivo na detecção precoce do câncer de colo uterino: uma revisão de literatura. *Revista Eletrônica Acervo Enfermagem*, [S.l.], v. 10, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/download/6472/4397/> Acesso em: 29 abr. 2025

OLIVEIRA, E.F. et al. A importância do Papanicolau no diagnóstico de HPV e câncer no colo do útero. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 8, n. 12, p. 79008–79029, dez. 2022. DOI:10.34117/bjdv8n12-143. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/55340/40758> Acesso em: 29 abr. 2025

SÁ, K.C.C.; SILVA, L.R. Exame Papanicolaou na prevenção do câncer no colo uterino: uma revisão integrativa. *Revista da Faculdade Evangélica de Ceres, Ceres-GO*, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/refacer/article/view/4482/3145>. Acesso em: 29 abr. 2025

CONSCIENTIZAÇÃO E PREVENÇÃO DO  
CÂNCER DE COLO DE ÚTERO: UMA  
INICIATIVA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA  
À SAÚDE

Pâmela Marostica  
Mariana Morais Pereira Silva  
Geovanna Rodrigues Caixeta  
Maria Eduarda Gomes de Oliveira  
Rafaianne Queiroz de Moraes Souza  
Jordana Belos dos Santos  
Alexandra Rodrigues de Sousa

## RESUMO

O câncer do colo do útero constitui um relevante problema de saúde pública no Brasil, sobretudo em regiões com menor acesso à informação e aos serviços de prevenção. Este estudo é um relato de experiência de uma ação desenvolvida no âmbito de um projeto de intervenção coletiva voltado à promoção da saúde e à prevenção dessa neoplasia, realizado em 18 de março de 2025, na Unidade Básica de Saúde (UBS) Palmares, em Barra do Garças-MT. A ação consistiu em uma palestra educativa ministrada por acadêmicos do curso de Medicina do Centro Universitário do Vale do Araguaia (Univar), com foco na conscientização sobre o vírus do papiloma humano (HPV), fatores de risco associados, estratégias de prevenção e a relevância do exame citopatológico (Papanicolau) como método de rastreamento. A ação foi direcionada ao público feminino da comunidade local, com o objetivo de esclarecer dúvidas e estimular práticas preventivas. A iniciativa promoveu um diálogo produtivo entre os participantes e os acadêmicos, fortalecendo o papel social da universidade e seu compromisso com a atenção primária à saúde.

**Palavras-chave:** Atenção Básica, Comunidade, Palestra.

## INTRODUÇÃO

O câncer do colo do útero é uma das principais causas de mortalidade por neoplasias entre mulheres no Brasil, especialmente em regiões com acesso limitado à informação e aos serviços de saúde (Instituto Nacional de Câncer - INCA, 2023).

Trata-se de uma doença evitável, cuja principal causa é a infecção persistente pelo papilomavírus humano (HPV), prevenível por meio da vacinação e do rastreamento regular com o exame citopatológico do colo do útero (Papanicolau) (INCA, 2025). No entanto, fatores como desinformação, estigmas socioculturais e barreiras de acesso aos serviços de saúde ainda comprometem a efetividade dessas estratégias preventivas (Brasil, 2021).

Nesse cenário, a universidade exerce um papel essencial na produção e disseminação de conhecimentos voltados à promoção da saúde. Assim, o presente estudo teve como objetivo realizar um relato de experiência sobre uma ação educativa desenvolvida em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), com ênfase na prevenção do câncer do colo do útero, visando contribuir para a conscientização da comunidade e o fortalecimento das ações de atenção primária à saúde.

## METODOLOGIA

A atividade foi realizada em março de 2025, na Unidade Básica de Saúde (UBS) Palmares em Barra do Garças-MT, e contou com a participação de acadêmicos do curso de Medicina do Centro Universitário do Vale do Araguaia (Univar). A ação consistiu em uma palestra informativa, voltada principalmente ao público feminino atendido pela UBS.

O conteúdo da apresentação abordou aspectos essenciais sobre o câncer do colo do útero, incluindo sua definição, formas de infecção pelo papilomavírus humano (HPV), importância da vacinação e periodicidade recomendada para a realização do exame citopatológico (Papanicolau).

A elaboração da palestra foi fundamentada em materiais oficiais do Instituto Nacional de Câncer (INCA) e do Ministério da Saúde, com ênfase em uma linguagem acessível, clara e didática, adequada ao perfil da comunidade. Durante a atividade, os acadêmicos promoveram um espaço aberto ao diálogo, estimulando a participação ativa dos presentes e o esclarecimento de dúvidas.

Ao final da ação, o médico da própria unidade de saúde contribuiu com informações adicionais e respondeu às dúvidas da comunidade, fortalecendo a credibilidade das orientações apresentadas e promovendo o vínculo entre os usuários e os profissionais da atenção primária.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A palestra contou com a presença de usuárias da UBS Palmares e de profissionais da equipe de saúde da unidade, com aproximadamente 12 pessoas, conforme as figuras 1 e 2. A receptividade do público foi positiva, e os participantes demonstraram curiosidade sobre o tema, relatando desconhecimento prévio acerca do HPV e da vacina, bem como dúvidas em relação ao exame preventivo. Ao longo da atividade, foi possível perceber o interesse das mulheres em buscar mais informações e em agendar a realização do exame citopatológico.

Figura 1. Palestra na UBS.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 2. Palestra na UBS.



Fonte: arquivo pessoal.

Estudos apontam que ações de educação em saúde, especialmente quando realizadas em espaços de convivência da comunidade como a UBS, são eficazes para aumentar a adesão ao exame preventivo. Mulheres que participam de estratégias educativas desenvolvem maior compreensão sobre o câncer do colo do útero e a importância da detecção precoce, o que contribui significativamente para a realização do exame citopatológico (Santos et al.,2024). O Instituto Nacional de Câncer (INCA) também reforça que a informação acessível e contínua é fundamental para promover o autocuidado e superar barreiras como o medo, o desconhecimento e os estigmas socioculturais relacionados ao exame (INCA, 2025).

Essas ações educativas, quando articuladas ao vínculo com os profissionais da atenção primária, ampliam o acesso e fortalecem a autonomia das mulheres em relação à sua saúde reprodutiva, o que se alinha com os princípios do cuidado integral propostos nas políticas públicas de saúde. O ambiente acolhedor e o vínculo pré-existente entre a UBS e a comunidade favoreceram a escuta ativa e a troca de experiências, permitindo que a informação fosse compreendida de forma contextualizada e significativa. Esse cenário está alinhado aos princípios da Política Nacional de Humanização (PNH), que valoriza o acolhimento, o vínculo e a responsabilização dos sujeitos como estratégias para tornar o

cuidado mais efetivo e humanizado. A Política Nacional de Atenção Básica (PNAB, 2017) também destaca a importância da atuação territorializada e do fortalecimento dos laços entre equipe de saúde e população, com foco na longitudinalidade do cuidado e no respeito às singularidades locais (Brasil, 2017).

Além de beneficiar as participantes, a ação proporcionou aos acadêmicos uma vivência prática em educação em saúde e comunicação com a população, fortalecendo a formação ética, crítica e humanizada. A experiência também permitiu o desenvolvimento de competências importantes para a futura prática médica, como escuta ativa, empatia e comunicação clara.

## CONCLUSÃO

O projeto de extensão " Conscientização e Prevenção do Câncer de Colo de Útero: Uma Iniciativa na Atenção Primária à Saúde" do Centro Universitário do Vale do Araguaia cumpriu com êxito seu propósito de promover a conscientização sobre a importância da prevenção dessa doença. A ação destacou-se pela abordagem educativa, acessível e participativa, contribuindo para a formação de uma cultura de cuidado e autocuidado entre as mulheres atendidas.

A realização da palestra evidenciou a importância de parcerias entre a universidade e os serviços de saúde, sendo uma estratégia eficaz para promover o acesso à informação qualificada e fortalecer as ações de atenção primária. Além disso, a atividade fomentou a reflexão sobre a necessidade de prevenção e rastreamento do câncer do colo do útero, temas muitas vezes negligenciados em contextos de menor acesso à informação.

Para os acadêmicos, a experiência representou uma oportunidade ímpar de aplicar conhecimentos teóricos em um contexto real, integrando ensino, extensão e responsabilidade social. O projeto também contribuiu para o fortalecimento do vínculo entre a universidade e a comunidade local, promovendo a formação de profissionais mais conscientes e engajados com as necessidades da sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA (INCA). Mortalidade. Rio de Janeiro: INCA, 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA (INCA). Câncer do colo do útero. Rio de Janeiro: INCA, 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Humanização – HumanizaSUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2021.

SANTOS, R.L. et al. Estratégias de educação em saúde para aumentar a adesão das mulheres ao exame de Papanicolau. Archives of Health Investigation, v. 13, n. 9, 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 22 set. 2017.

A RELAÇÃO ENTRE O MICROBIOMA  
GASTROINTESTINAL E OS SINTOMAS  
EM PACIENTES DEPRESSIVOS

Gusthavo Alves de Souza

**INTRODUÇÃO:** O microbioma gastrointestinal tem sido reconhecido como um elemento crucial na modulação da saúde mental, especialmente por meio do eixo intestino-cérebro. Dessa forma, é imprescindível analisar a relação entre as alterações na composição e funcionalidade da microbiota intestinal e o desenvolvimento, bem como a gravidade, dos sintomas depressivos. **OBJETIVO:** Investigar a associação entre composição funcional do microbioma intestinal e os sintomas depressivos, por meio da avaliação de biomarcadores inflamatórios e metabólitos. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com busca realizada na base de dados PubMed, empregando os descritores “Gastrointestinal Microbiome”, “Patients” e “Depression”. Foram incluídos artigos publicados nos últimos cinco anos, em texto completo e acesso gratuito. Excluíram-se estudos secundários e aqueles cuja temática divergia do escopo da pesquisa, resultando em cinco artigos selecionados. **RESULTADOS:** Os estudos evidenciaram redução da diversidade microbiana em pacientes com depressão. A análise dos mediadores inflamatórios revelou aumento de táxons pró-inflamatórios associados à interleucina 6 (IL-6) e ao fator de necrose tumoral alfa (TNF $\alpha$ ). Além disso, foram observadas alterações metabólicas na microbiota intestinal de indivíduos deprimidos, destacando-se distúrbios do triptofano que culminam na produção de metabólitos potencialmente nocivos ao sistema nervoso central. Por fim, identificaram-se correlações significativas entre disbiose intestinal e escores elevados de depressão. **CONCLUSÃO:** Conclui-se que o microbioma gastrointestinal mantém relação direta com os sintomas depressivos. O desequilíbrio bacteriano pode exacerbar esses sintomas por meio da ativação de respostas imunes e da produção de metabólitos neurotóxicos. Ressalta-se a importância de estudos adicionais para o desenvolvimento de estratégias terapêuticas contra depressão que tenham como alvo a microbiota intestinal.

**Palavras-chave:** “Depressão”; “Microbioma gastrointestinal”; “Pacientes”.

## REFERÊNCIAS:

AVERINA, O. V. et al. Bacterial metabolites of human gut Microbiota correlating with depression. *International journal of molecular sciences*, v. 21, n. 23, p. 9234, 2020.

BUSCH, A. et al. Gut microbiome in atypical depression. *Journal of affective disorders*, v. 349, p. 277–285, 2024.

MAYNERIS-PERXACHS, J. et al. Microbiota alterations in proline metabolism impact depression. *Cell metabolism*, v. 34, n. 5, p. 681- 701.e10, 2022.

SUN, N. et al. Abnormal gut microbiota and bile acids in patients with first-episode major depressive disorder and correlation analysis. *Psychiatry and clinical neurosciences*, v. 76, n. 7, p. 321–328, 2022.

ZHANG, F. et al. Curcumin alleviates DSS-induced anxiety-like behaviors via the microbial-brain-gut axis. *Oxidative medicine and cellular longevity*, v. 2022, p. 6244757, 2022.

A INTERFERÊNCIA NO MICROBIOMA  
GASTROINTESTINAL EM CRIANÇAS  
PELO USO INDEVIDO DE  
ANTIBACTERIANOS

Samuel Rodrigues de Oliveira  
Gusthavo Alves de Souza

**INTRODUÇÃO:** O microbioma gastrointestinal compreende ao conjunto de comunidades bacterianas que vivem no trato digestivo e desempenham papel essencial na saúde humana, especialmente na infantil. Nesse sentido, a interferência nas funções dessas bactérias em crianças pelo uso indevido de antibacterianos é uma análise a ser tomada com o fito de garantir a saúde infantil. **OBJETIVO:** Identificar as principais complicações clínicas causadas pelos danos na microbiota intestinal infantil pelo uso incorreto de antibacterianos. **METODOLOGIA:** O presente estudo é uma revisão de literatura, na modalidade integrativa, sendo realizadas pesquisas nas bases de dados PubMed, utilizando os descritores “*Anti-Bacterial Agents*”, “*Gastrointestinal Microbiome*” e “*Child*”. Foram excluídos artigos divergentes e com ano de publicação superior a 5 anos, selecionando 5 artigos no total. **RESULTADOS:** Os estudos demonstraram que crianças com histórico de tratamento indevido de antibacterianos, em relação a indivíduos na mesma faixa etária sem o uso incorreto de antibióticos, apresentaram riscos significativamente aumentados para o desenvolvimento de doenças posteriores, como a asma, além do aumento de distúrbios imunológicos. Os resultados ainda indicam que os pacientes infantis sob tratamento indevido de antibacterianos possuem 59% de chance a mais de desenvolver infecções gastrointestinais e sanguíneas. Logo, observa-se as principais complicações clínicas que o uso incorreto de antibióticos gera nesses indivíduos. **CONCLUSÃO:** Portanto, a utilização incorreta de antibacterianos em crianças é uma importante causa de morbidades infantis existente, posto que está intrinsecamente relacionada a alterações fisiológicas no infante. Dessa forma, medidas educativas devem ser adotadas para que pais e responsáveis adquiram o conhecimento correto sobre o uso de antibacterianos com o objetivo de se garantir a saúde infantil.

**Palavras-chave:** “Antibacteriano”; “Criança”; “Microbioma gastrointestinal”.

## REFERÊNCIAS:

MACDONALD, Tamara et al. The gastrointestinal antibiotic resistome in pediatric leukemia and lymphoma patients. *Frontiers in Cellular and Infection Microbiology*, v. 13, 1102501, 2023.

LI, et al. The infant gut resistome associates with *E. coli*, environmental exposures, gut microbiome maturity, and asthma-associated bacterial composition. *Cell Host & Microbe*, v. 29, n. 6, p. 975– 987, 2021.

HESTON, Sarah M. et al. The effects of antibiotic exposures on the gut resistome during hematopoietic cell transplantation in children. *Gut Microbes*, v. 16, n. 1, 2333748, 2024.

HENRICK, Bethany M. et al. Bifidobacteria-mediated immune system imprinting early in life. *Cell*, v. 184, n. 15, p. 3884–3898, 2021.

A URGÊNCIA DE UMA ABORDAGEM  
HUMANIZADA NO ATENDIMENTO PRÉ-  
HOSPITALAR A PACIENTES  
PSIQUIÁTRICOS

Matheus Faria Cunha  
Susanny Kawanny Parente Amorim  
João Lucas Reis Silva  
Larissa Bastos Almeida Santana  
Brenda Vitória Vaz Ribeiro

**INTRODUÇÃO:** A portaria nº 3.088 de dezembro de 2011 instituiu a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde. Nesta, determinou-se o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência como um dos componentes da Rede, servindo como ponto de atenção de urgência e emergência. O manejo adequado no atendimento pré-hospitalar é capaz de reduzir institucionalizações e permite encaminhamentos mais eficazes, no entanto, as práticas perduráveis da psiquiatria clássica, hospitalocêntrica e excludente são um empecilho para a humanização do atendimento. **OBJETIVO:** Identificar e compreender os principais obstáculos enfrentados no atendimento aos pacientes em situações de urgência e emergência psiquiátricas. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura realizada a partir de pesquisas feitas nas bases de dados SciELO e PubMed, que resultaram em um total de 97 artigos. Após a análise dos títulos e resumos, 11 estudos foram selecionados para leitura. **RESULTADOS:** As pesquisas mostram que no manejo pré-hospitalar do paciente psiquiátrico ainda há severas dificuldades, como a prestação de assistência desumana pelos especialistas, os quais priorizam a sedação e o encaminhamento imediato para a internação. As dificuldades apontadas se relacionam à falta de capacitação do profissional, de um hospital para a regulação e de estruturação do atendimento. Estima-se que o aumento da carga horária durante o curso, somado ao cumprimento da Reforma Psiquiátrica Brasileira na prática podem contribuir para maior segurança e manejo na atuação da ocorrência. **CONCLUSÃO:** Os resultados evidenciam lacunas significativas na capacitação dos profissionais e na estruturação do atendimento pré-hospitalar de urgência. Essas evidências são cruciais para a implementação eficaz da Reforma Psiquiátrica Brasileira, sugerindo a necessidade urgente de aprimorar a formação dos profissionais e de estabelecer hospitais e serviços de regulação adequados. Investir na capacitação contínua e na estruturação eficiente dos serviços é essencial para garantir um atendimento mais próximo do ideal.

**Palavras-chave:** Saúde mental; Serviços de emergência psiquiátrica; Serviços médicos de emergência; Intervenção em Crise.

## REFERÊNCIAS:

AMARAL, Helena de Lima. Protocolização de abordagem integrada e humanizada a pacientes psiquiátricos tentantes: métodos seguros de atendimento pré-hospitalar e salvamento para minimização de resultados consumados. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Formação de Oficiais) - Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, Brasília, 2022. Disponível em: [https://biblioteca.cbm.df.gov.br/jspui/handle/123456789/360]. Acesso em 02 de agosto de 2024.

BRITO, AAC DE; BONFADA, D.; GUIMARÃES, J. Onde a reforma ainda não chegou: ecos da assistência às urgências psiquiátricas. *Physis* (Rio de Janeiro, Brasil) , v. 4, pág. 1293–1312, 2015. Disponível em: [https://doi.org/10.1590/S0103-73312015000400013]. Acesso em 02 de agosto de 2024.

CARRIJO, M. V. N. et al. Perfil dos atendimentos de emergências psiquiátricas em um serviço de urgência e emergência em saúde. *Enfermagem Brasil*, v. 21, n. 4, p. 413–429, 25 set. 2022. Disponível em: [https://doi.org/10.33233/eb.v21i4.5049]. Acesso em 27 de julho de 2024.

DE SANTANA, Andréia Aparecida; PORCU, Mauro; ALÉCIO, Renata; NACAMURA, Paula Antunes Bezerra; RIBEIRO, João Vitor Rosa; PAIANO, Marcelle. Protocolos de atendimentos às urgências psiquiátricas no atendimento pré-hospitalar: revisão integrativa da literatura. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, [S. l.], v. 27, n. 9, p. 5097–5110, 2023. DOI: 10.25110/arqsaude.v27i9.2023-013. Disponível em: [https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/10596]. Acesso em 01 de agosto 2024.

DO NASCIMENTO, Bruno Bezerra; NUNES, Dayane Fernanda Pereira; DE SOUZA, Talita Araujo; MEDEIROS, Francisca Dayane dos Santos; LEITE, Kamila Netielly Souza; NOBRE, Juliane de Oliveira Costa. Dificuldades no atendimento às situações de urgências e emergências psiquiátricas. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, [S. l.], v. 23, n. 3, 2019. DOI: 10.25110/arqsaude.v23i3.2019.6615. Disponível em: [https://unipar.openjournalsolutions.com.br/index.php/saude/article/view/6615]. Acesso em 26 de julho de 2024.

PEREIRA, Nataly Andrade Camelo. Intervenção em emergências psiquiátricas: proposta de alteração nas práticas pedagógicas do Curso de Formação de Praças do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Formação de Oficiais) - Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, Brasília, 2022. Disponível em: [https://biblioteca.cbm.df.gov.br/jspui/handle/123456789/389]. Acesso em 03 de agosto de 2024.

PINHEIRO, Lafayette Júnio Mendonça. Contenção de pacientes psiquiátricos: proposta de um procedimento operacional padrão. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Formação de Oficiais) - Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, Brasília, 2019. Disponível em: [https://biblioteca.cbm.df.gov.br/jspui/handle/123456789/68]. Acesso em 02 de agosto de 2024.

RAMOS, T. dos SS.; RAMALHO, MA.; SOUZA, T. dos S. .; MEDEIROS, CM.; STHAL, HC.; LEITE, GR. Percepção dos profissionais de atendimento pré-hospitalar no atendimento de urgência e emergência (crise) em psiquiatria. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento* , [S. l.], v. 10, n. 11, p. e275101119423, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i11.19423. Disponível em: [https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19423]. Acesso em 02 agosto de 2024.

Ribeiro D. R.; Mesquita N. A.; do Nascimento M. C. F.; Souza L. M. de C. Emergências psiquiátricas: uma revisão de literatura. Revista Artigos. Com, v. 10, p. e2145, 25 nov. 2019. Disponível em: [<https://acervomais.com.br/index.php/artigos/article/view/2145>]. Acesso em 29 de julho de 2024.

SOUZA, Mariana Silva et al. Serviço de atendimento móvel de urgência frente às urgências e emergências psiquiátricas. RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218, [S. l.], v. 3, n. 3, p. e331204, 2022. DOI: 10.47820/recima21.v3i3.1204. Disponível em: [<https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/1204>]. Acesso em 03 de agosto de 2024.

VELOSO, C. et al. atendimentos de natureza psiquiátrica realizados pelo serviço pré-hospitalar móvel de urgência. Texto & Contexto - Enfermagem, v. 27, n. 2, 21 jun. 2018. Disponível em: [<https://doi.org/10.1590/0104-07072018000170016>]. Acesso em 03 de agosto de 2024.

AÇÃO EDUCATIVA E COLETA DE  
TESTES RÁPIDOS DE IST'S COM  
JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE  
NO CENTRO DE SOCIOEDUCAÇÃO EM  
CURITIBA

Laura Vieira  
Izabela alves de oliveira  
Andreia de aprigio bicudo  
Gabrielle da cruz bertoja  
Livia broto  
Emanuel gomes de souza  
Julia Laurentino

## INTRODUÇÃO:

As infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), como HIV, sífilis e hepatites B e C, representam um grave problema de saúde pública, especialmente entre jovens em situação de vulnerabilidade, como os privados de liberdade. A alta prevalência se relaciona a fatores como baixa escolaridade, barreiras de acesso à prevenção e estigmas sociais. Diante disso, a testagem rápida se mostra uma estratégia fundamental de rastreamento e cuidado nos Centros de Socioeducação.

## OBJETIVOS:

Promover a educação sexual, prevenção e rastreamento de ISTs, com enfoque em HIV, sífilis, hepatite B e C, com meninos privados de liberdade.

Sensibilizar os participantes sobre comportamentos de risco e a importância do autocuidado e do cuidado com os parceiros sexuais.

## MÉTODOS:

Trata-se de um relato de experiência desenvolvido por estudantes de medicina durante uma ação supervisionada em centro de socioeducação para menores infratores em Curitiba. As atividades incluíram a coleta de testes rápidos de HIV, sífilis e hepatite B e C, e a aplicação de atividade lúdica com fins educativos sobre infecções sexualmente transmissíveis (ISTs).

## RESULTADOS:

A atividade de educação em saúde foi realizada no Centro de Socioeducação (CENSE) de Curitiba, com a participação de 24 adolescentes do sexo masculino. Foram realizados 96 testes rápidos ao total, dentre eles para HIV, sífilis e hepatites (B e C), com apenas um resultado reagente para sífilis, relacionado a uma infecção previamente tratada. Logo após as testagens foi realizada uma dinâmica de “verdadeiro ou falso” sobre prevenção de ISTs, com cartões coloridos para facilitar a interação. A ação promoveu engajamento ativo, diálogo aberto e reflexão crítica. Assim, a atividade demonstrou impacto qualitativo pelo engajamento e apropriação do conhecimento e quantitativo pela baixa taxa de positividade nos exames.

## CONCLUSÃO:

Em síntese, é lícito afirmar que tal atividade foi de supra importância em nossa jornada para nos tornar futuros profissionais da saúde mais empáticos, uma vez que foi possível por meio desta, um vislumbre de outra realidade, a qual se mostrou de extrema vulnerabilidade social. Além disso, vale dizer que essa ação também se mostrou importante ao nos dar a oportunidade de adquirir experiência no manejo de jovens em tal situação, ensinando-nos a como se comportar adequadamente diante de tal discrepância de realidade em relação a nossa.

**Palavras-chave:** Adolescentes em conflito com a lei; Infecções Sexualmente Transmissíveis; Educação em Saúde; Promoção da Saúde; Testes Rápidos.

## REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico de IST 2022. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br>. Acesso em: 26 maio 2025.

DE SOUSA ALVES, Letícia; AGUIAR, Ricardo Saraiva. Saúde sexual e infecções sexualmente transmissíveis na adolescência: uma revisão integrativa. Nursing [São Paulo],

v. 23, n. 263, p. 3683-3687, 2020.

LEVINSON, W.; CHIN-HONG, P.; JOYCE, E.; et al. Microbiologia Médica e Imunologia: um manual clínico para doenças infecciosas. 15. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2021.

# DOENÇA DE KAWASAKI COM EVOLUÇÃO PARA ANEURISMA DE AORTA: RELATO DE CASO

Ana Sarah Rafka Haidar

## RESUMO

Relata-se o caso de uma criança de 5 anos e 9 meses admitida com febre persistente, exantema e sinais mucocutâneos compatíveis com Doença de Kawasaki (DK). Exames laboratoriais revelaram inflamação sistêmica e, posteriormente, trombocitose. O ecocardiograma mostrou pequeno aneurisma de coronária esquerda e descendente anterior. Instituiu-se tratamento com imunoglobulina intravenosa (IVIG), corticosteroide e ácido acetilsalicílico (AAS), com resolução rápida da febre e melhora clínica. O caso reforça a importância do reconhecimento precoce da DK e da intervenção tempestiva para prevenção de complicações cardiovasculares.

## INTRODUÇÃO

A Doença de Kawasaki é uma vasculite sistêmica aguda que acomete artérias de médio calibre, especialmente as coronárias, representando a principal causa de doença cardíaca adquirida na infância. Seu diagnóstico é clínico e deve ser rapidamente reconhecido devido ao risco de aneurismas coronarianos. A fisiopatologia envolve desregulação imune desencadeada por fatores ambientais em indivíduos geneticamente suscetíveis.

## OBJETIVO

Descrever a evolução clínica, o manejo terapêutico e os achados complementares de um caso de Doença de Kawasaki, destacando a relevância do tratamento precoce para redução de complicações cardíacas.

## RELATO DO CASO

G.G.A., 5 anos e 9 meses, previamente hígido, apresentou febre de 38,5 °C por seis dias, resistente a antitérmicos. Após o primeiro dia de febre, surgiram exantema generalizado de progressão craniocaudal, hiperemia conjuntival não exsudativa e edema palpebral com lacrimejamento.

Na admissão, exames revelaram leucocitose (17.280/mm<sup>3</sup>), PCR elevada (48 mg/L) e coagulograma alterado. No dia seguinte, observaram-se queda discreta de hemoglobina e persistência de marcadores inflamatórios. No 5º dia de internação, laboratorialmente, houve trombocitose (447.000/mm<sup>3</sup>), achado típico da fase subaguda.

Sorologias para HIV, hepatite C e VDRL foram negativas. O ecocardiograma (14/11/24) evidenciou pequeno aneurisma de coronária esquerda e descendente anterior.

Diante do quadro clínico compatível com DK, foi iniciado tratamento com imunoglobulina intravenosa (2 g/kg), prednisolona (2 mg/kg/dia) e AAS em dose anti-inflamatória (50 mg/kg/dia). A febre regrediu em 24 horas, com melhora do exantema e dos sinais mucocutâneos. Introduziu-se amoxicilina + clavulanato devido a ITU prévia.

A paciente evoluiu bem, sem sinais de choque ou envolvimento sistêmico grave. Manteve-se acompanhamento cardiológico devido à presença de aneurisma.

## DISCUSSÃO

A Doença de Kawasaki deve ser considerada diante de febre prolongada associada a exantema, alterações mucocutâneas, conjuntivite bilateral e linfadenopatia cervical. O diagnóstico precoce é essencial, pois a principal complicação são aneurismas de coronária, que podem levar a trombose, estenose e infarto agudo do miocárdio.

A IVIG (2 g/kg) é o tratamento padrão-ouro, reduzindo o risco de aneurismas. O AAS atua como anti-inflamatório na fase aguda e como antiplaquetário nas semanas subsequentes. O uso de corticosteroides, especialmente em casos de maior risco, tem demonstrado reduzir anormalidades coronarianas.

O presente caso evoluiu com formação de aneurisma pequeno, reforçando a necessidade de ecocardiograma seriado. A resposta clínica rápida ao tratamento confirma sua eficácia.

## CONCLUSÃO

A Doença de Kawasaki é uma emergência pediátrica que exige diagnóstico clínico ágil e tratamento precoce com IVIG e AAS para prevenir complicações cardiovasculares. O caso demonstra a relevância da avaliação contínua e da abordagem multidisciplinar, destacando a importância da identificação precoce dos sinais clássicos e da realização de ecocardiograma para acompanhamento das lesões coronarianas.

## REFERÊNCIAS

1. Kawasaki disease: Pathogenesis, epidemiology, and etiology. UpToDate. Jul 2025.
2. Kawasaki disease: Clinical features and diagnosis. UpToDate. Jul 2024.
3. Kawasaki disease: Initial treatment and prognosis. UpToDate. Jul 2025.
4. Kawasaki disease: Complications. UpToDate. Jul 2025.
5. McCrindle BW, et al. Kawasaki disease: AHA statement. *Circulation*. 2017;135:e927–99.
6. Sawhney S. Childhood vasculitis. *Indian J Pediatr*. 2024;91(10):1056–64.
7. Zeinali M, Frishman WH, Aronow WS. Kawasaki disease. *Cardiol Rev*. 2025 May 21. PMID: 40396727.
8. Younger DS. Epidemiology of the vasculitides. *Neurol Clin*. 2019;37(2):201–17. doi:10.1016/j.ncl.2019.01.016.
9. SBP. Doença de Kawasaki. Documento Científico. 2019.